

# O VIRTUOSO

virtuoso vir.tu.o.so | vir'twozu adjetivo. que é exímio na execução. nome masculino. 1. música: músico que domina de forma excepcional a técnica de execução de um instrumento; músico de grande talento 2. artista que apresenta um domínio excelente da técnica da arte a que se dedica 3. pessoa que demonstra ser extremamente hábil no que faz





*O Virtuoso* estava nos planos da Marionet já há alguns anos. Enquanto primeira peça da História do Teatro em que surge um cientista moderno como protagonista, era de grande relevância para nós — companhia que se dedica a investigar e cruzar teatro e ciência — produzi-la e apresentá-la, pela primeira vez, em Portugal.

Testemunho contemporâneo dos primeiros passos da Ciência Moderna em Inglaterra, esta peça permite-nos ficar com uma pequena ideia do modo como terá sido recebida a atividade científica nos seus primórdios por quem para ela olhava de fora. Oferece-nos também alguns elementos sobre o tipo de experiências e atividades a que se dedicavam os cientistas da Royal Society inglesa na sua procura de compreender, catalogar e sistematizar o conhecimento sobre o mundo.

É uma típica comédia do período da Restauração Inglesa, com sátira social e política e muitas aventuras amorosas, para entreter um público londrino que tinha sido privado, alguns anos antes e durante quase duas décadas, do usufruto da arte teatral.

Considerando a importância que tem hoje a ciência nas nossas vidas, é interessante, a partir deste olhar para o passado, refletir sobre a evolução do conhecimento científico e da percepção social que existia sobre ele. Além disso, é curioso dar um passo atrás e colocar em perspetiva a sociedade e as características comportamentais de então, comparando-as com este tempo e este espaço em que hoje vivemos. Talvez estes 348 anos que nos separam da primeira apresentação de *O Virtuoso* não sejam assim uma distância tão grande. E uma comédia será sempre uma comédia. Nada sabe melhor do que colocar um sorriso na cara de outra pessoa.

### Sinopse

Se há ciência profusamente estudada pelo teatro, essa é a ciência do amor. Esta peça de Thomas Shadwell é (mais) um tratado sobre as variadas formas de relações afetivas entre seres humanos. Nela temos representadas relações conjugais e extraconjugais, amores platônicos, românticos e carnais. E o outro lado destes amores, também — o desencanto, o desprezo, a rejeição, a raiva, a traição, a vingança.

Bruce e Longvil são dois jovens enamorados por Miranda e Clarinda, mas os seus amores estão trocados — Bruce gosta de Clarinda que gosta de Longvil que gosta de Miranda que gosta de Bruce. Para além deste desencontro afetivo, as jovens estão sob a alçada de um tio e uma tia, Sir Nicholas Gimcrack e Lady Gimcrack, que dificultam a concretização dos seus interesses amorosos com o pretense objetivo de

salvaguardar a honra das jovens donzelas. Num exemplo clássico do ditado “Olha para o que eu digo e não para o que eu faço”, os tios têm, cada um, as suas aventuras extraconjugais.

Os dois jovens, para se aproximarem das sobrinhas, fingem-se interessados nas experiências científicas que Sir Nicholas desenvolve. Ele, um exemplo paradigmático dos primeiros exploradores da ciência moderna, é acompanhado de perto por um orador inveterado — Sir Formal Trifle — que faz o elogio e a apologia da sua atividade científica, enquanto se tenta aproximar da jovem Clarinda.

A estas personagens juntam-se os amantes clandestinos do casal Gimcrack, eles próprios com uma relação amorosa entre si, e o velho Snarl — tio de Sir Nicholas —, grande defensor do antigamente e crítico acérrimo dos comportamentos degenerados das novas gerações.

É um novelo intrincado, o que se desenrola no *O Virtuoso*, em que a novíssima ciência moderna se mistura com a antiquíssima ciência do amor.

**Dedicatória do autor, publicada na primeira edição da peça, impressa por T. N. para Henry Herringman, em Londres, em 1676**

Para o Mais Ilustre Príncipe William, Duque de Newcastle, etc.

Que seja do agrado de Vossa Graça,

Enquanto Vossa Graça persistir em obsequiar-me, eu devo continuar a demonstrar o meu agradecimento; nem posso deixar passar a oportunidade de dizer ao mundo o quanto sou favorecido por vós, ou deixar escapar qualquer ocasião para assegurar a Vossa Graça que todas as ações da minha vida serão dedicadas a servir-vos. Vós, que com o Vosso nobre patrocínio, a Vossa generosidade e bondade, e a Vossa contínua recompensa, me tornaram uma criatura inteiramente Vossa. Nem posso abster-me de declarar que estou mais agradecido a Vossa Graça do que a toda a Humanidade. E a minha infelicidade é não poder retribuir de outro modo que não seja pela declaração do meu grato reconhecimento.

Quando mostrei a Vossa Graça uma parte desta comédia, em Welbeck, sendo na altura tudo o que tinha escrito, Vós ficastes agradado a ponto de expressar como tínheis gostado dela, o que foi encorajamento suficiente para eu continuar e, quando a terminei, a pousar humildemente a Vossos pés. O que quer que escreva, eu submeto-o a Vossa Graça, que sois o maior Mestre da Perspicácia, o mais exato observador da Humanidade e o mais preciso juiz do humor que já conheci. E, não estivesse eu certo da grandeza do Vosso favor, ficaria com receio da excelência do Vosso julgamento.

Dediquei-me, nesta peça, ao humor, ao espírito e à sátira, que são as três coisas (embora possa ter ficado aquém na minha tentativa) que Vossa Graça me disse frequentemente serem a vida da comédia. Quatro das personagens-tipo são completamente novas; e posso dizer (sem vaidade) que nunca criei uma comédia que não tivesse em si algum humor natural nunca antes representado, nem, espero, alguma vez criarei. Nem conto com aqueles humores, como fazem muitos, por assim dizer, que consistem em usar uma ou duas personagens típicas; ou em ter um fantástico vestido extravagante, como muitas pretensas personagens-tipo têm; nem na afetação de algumas palavras em francês, que várias peças nos mostraram. Não digo nada das impossíveis tolices farsescas, não naturais, que alguns pretendem ser cómicas. Que pensam que escrever uma comédia é a coisa mais fácil do mundo, e que, contudo, mais rapidamente ficarão ricos com as suas comédias mediócras do que escreverão uma boa. Nem é a tolice completamente pateta um humor, como alguns julgam ser, porque é uma imperfeição natural; e mais valia chamar humor de cegueira a um cego, ou de deficiência física a um coxo. Ou como um francês célebre, que tem o humor de alguém que fala muito rápido, e de outrem que fala muito devagar. Mas as imperfeições naturais não são temas adequados para a comédia, pois não devem ser objeto



se consegue, com ele, ouvir distintamente a uma légua marítima de distância. SIR NICHOLAS. Pfff, isso não é nada! Fiz um com que podeis ouvir a oito milhas, e vou melhorá-lo... usar os pirilampos e lentes sôncavas. BRUCE. O que pensais do megafone? SIR NICHOLAS. Oh, esse tubo estentronico, embora não inventado por mim, foi, no entanto, melhorado para lá da expectativa de toda a gente. LONGVIL. Já sos da carne, malchei- pernil no meu cheirosos, e de carne arder, quando, Não. Eu fa- te após o im- as pessoas, na gramma assim uma luz. Houve um lom- que fim é. É um animal que pesais bo de vaca, que SIR NICHOLAS. Agora, abram as garrafas e deixem o ar sair. Cavalheiros, estai preparados para o inalar. Oh, este ar de Bury é delicioso. Oh, muito refrescante. BRUCE. Oh, admirável. Quem que- um pernil de luz como a pútrida rupção que a como antes, que dais a estes me- tornou lúcido, pesa um rilampos, um to pesa. O conhe- das, pensaram, este ar, o ano, e SIR NICHOLAS. Eu não. É muito melhor aqui. Fica muito mais fresco por reria ir a Bury para o tomar? SIR NICHOLAS. Eu não. É muito melhor aqui. Fica muito mais fresco por ser engarrafado, como acontece com outras bebidas. Pois deixem-me dizer-vos, cavalheiros, recetor, retirando, porco. BRUCE. quando se fica luminosa cidade de invadiu. É fre- estudar os pi- e cristalino pe- durante todo Sir? SIR NICHOLAS. que estava a outra luz no porco? SIR entrar de novo. torna lu- Como assim? madeira Estou agora a Canismos- quente. Eu pró- qualquer pre acesos, a coagulação SIR NICHOLAS. Para que dos sucos aquo- o ar não é mais do que um tipo mais fino de bebida, e bebe-se muito melhor depois de engarrafa- do. LONGVIL. Sem dúvida que o mundo é muito tolo por não respirar ar engarrafado do mesmo modo que o faz com as bebidas. SIR NICHOLAS. Sim, pobres tolos estúpidos. LONGVIL. Mas para tão curiosa? SIR Oh, sim. disso, eu conse- curioso. Acho melhor luz do que os vou ticos? SIR NICHOLAS Geneva à luz Inglaterra- precisarei de consigo biblia de Ge- fim havia bastando de ser? neva à luz de

de riso, mas de compaixão. Já a tolice artificial daqueles que não são tolos por natureza, mas que com grande arte e engenho assim se fazem, é um objeto adequado da comédia, como discorri de modo alargado no prefácio a *Humoristas*, escrito há cinco anos. Aquelas coisas ligeiramente circunstanciais mencionadas atrás não são suficientes para fazer uma boa personagem-tipo cômica, que deverá ter uma afetação tal que desencaminhe homens do conhecimento, arte ou ciência, ou que provoque defeitos na moralidade e costumes, ou que perverta as suas mentes nas principais ações das suas vidas. E este tipo de humor julgo não ter descrito de modo impróprio no epílogo a *Humorista*.

Mas Vossa Graça compreende o humor demasiado bem para não saber isto e muito mais do que eu possa dizer sobre isso. Tudo o que me resta fazer agora é dedicar, humildemente, esta peça a Vossa Graça, que foi mais bem sucedida do que era minha expectativa, e cujos humores foram aprovados por homens da maior sensibilidade e saber. Nem ouvi falar de quaisquer inimigos professos da peça, exceto algumas mulheres e alguns homens de mentalidade feminina, que apenas gostam de peças leves que representem pequenas conversas bisbilhoteiras como as suas. Mas o verdadeiro humor não é apreciado nem compreendido por eles e, por isso, condenam a minha mera tentativa nesse sentido. Mas essas mesmas pessoas, para meu consolo, amaldiçoam todas as peças de Mr. Jonson, que foi o melhor dramaturgo que já existiu, ou, assim acredito, que alguma vez existirá. E eu preferiria ser autor de uma cena das suas melhores comédias do que de qualquer peça que esta geração produziu. Há muitas falhas na orientação desta peça, não o ignoro. Mas eu, não tendo outra fonte de rendimento a não ser do teatro, que, ou não quer, ou não é capaz de recompensar de modo suficiente um homem, considerando as dificuldades que uma comédia correta exige, não posso dedicar todo o meu tempo à escrita de peças, vendo-me forçado a dedicar-me a outros assuntos mais vantajosos. Tivesse eu dinheiro e tempo suficientes para isso, e seria capaz de escrever uma comédia tão correta como a de qualquer um dos meus contemporâneos. Mas espero que Vossa Graça aceite esta, com todas as suas imperfeições, uma vez que toda a Família Real a recebeu favoravelmente, tenho toda a esperança de que tenha a aprovação de Vossa Graça que estais, juntamente com eles, na maior estima e reverência d',

o mais agradecido e humilde servo de  
Meu Senhor e Vossas Graças,  
Thomas Shadwell  
Londres, 26 de junho de 1676

## Do virtuoso ao cientista<sup>1</sup>

Walter Houghton Jr., num artigo intitulado *The English Virtuoso in the Seventeenth Century*<sup>2</sup>, traça a evolução do movimento do 'virtuosismo' em Inglaterra, desde as primeiras influências vindas de Itália na última década do séc. XVI até ao seu declínio, cerca de cem anos depois, no início do séc. XVIII. Segundo este investigador, o 'virtuoso' resulta da fusão de duas tradições, a do cortesão e a do académico erudito, bem como da reunião de duas condições indispensáveis, tempo livre e dinheiro, este último resultado do crescente poderio comercial da Inglaterra. Numa primeira fase, a designação de 'virtuoso' estava associada a indivíduos que se interessavam por antiguidades, numismática, heráldica, que colecionavam obras de arte e



'raridades', como artefactos de outros povos. Posteriormente, o interesse dos 'virtuosos' estendeu-se a um domínio mais alargado da história natural, incluindo espécimes de minerais, animais e plantas, estando na origem do surgimento dos gabinetes de curiosidades.

Em 1660, o interesse do 'virtuoso' tinha-se deslocado, ou pelo menos alargado, da arte e antiguidades para a ciência, passando a incluir as atividades dos membros da recente Royal Society. Robert Boyle utilizava frequentemente o termo para se referir àqueles, como ele, que se dedicavam à

1 Este texto foi adaptado da tese de doutoramento "A Emergência da Ciência Moderna e a sua Representação no Texto Dramático", da autoria de Mário Montenegro, que pode ser consultada no endereço <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/32399>

2 Publicado em duas partes: HOUGHTON JR., Walter E., *The English Virtuoso in the Seventeenth Century: Part I*, *Journal of the History of Ideas*, Vol. 3, No. 1 (1942), pp. 51-73, e HOUGHTON, JR., Walter E., *The English Virtuoso in the Seventeenth Century: Part II*, *Journal of the History of Ideas*, Vol. 3, No. 2 (1942), pp. 190-219.

filosofia natural. Na dedicatória do seu livro *New Experiments Physico-Mechanical: Touching the Spring of the Air and their Effects* (1660), por exemplo, refere-se como 'virtuosi' a investigadores franceses que estudavam o ar (muito provavelmente Blaise Pascal e o seu cunhado Florin Périer). Três décadas mais tarde, continuava ainda a aplicar o termo, nomeadamente no título da sua obra *The Christian Virtuoso* (1690), onde, no prefácio, argumenta longamente que "não há qualquer inconsistência entre um homem ser um esforçado *Virtuoso* e um bom *Cristão*."<sup>3</sup> Mas havia virtuosos e virtuosos. Em 1696, Mary Astell descrevia do seguinte modo o 'tipo' virtuoso:

*Há outra espécie de impertinentes que, assim como não se importam com os negócios dos outros homens quando*

*não lhes dizem respeito, negligenciam-nos igualmente quando lhes dizem respeito; e divertem-se continuamente com a contemplação dessas coisas, que o resto do mundo considera inúteis e abaixo da sua consideração. Destes, o mais egrégio é o Virtuoso, que é aquele que vendeu património em terrenos para comprar vieiras, conchas, moluscos, conchas de berbigão, pervincas, arbustos marinhos, algas, musgos, esponjas, corais, corallinas, leques do mar, seixos, marcasitas e pedras de sílex; e abandonou o convívio e a sociedade dos homens pela dos insetos, vermes, larvas, moscas, traças, gafanhotos, escaravelhos, aranhas, gafanhotos, caracóis, lagartos e tartarugas.*<sup>4</sup>

3 BOYLE, Robert, *The Christian Virtuoso*, London: Printed by Edw. Jones, 1690, p. 1 do prefácio.

4 ASTELL, Mary, *An essay in Defence of the Female Sex*, London: Printed for A. Roper and E. Wilkin-son, 1696, p. 96-97. 550 Idem, *ibidem*, p. 105.

Na longa caracterização satírica que faz do 'virtuoso', Astell abre uma exceção para aqueles que considera questionarem de modo sincero e inteligente a natureza, nomeando Robert Boyle como uma dessas pessoas, e destacando as "celebradas performances" da Royal Society, que mereceriam "a estima, o respeito e a honra que lhes dedicam os amantes do saber de toda a Europa"<sup>5</sup>. No entanto, acrescenta que, embora venere a Sociedade de um modo geral, assinala "uma enorme diferença entre cada um dos membros que a compõem"<sup>6</sup>. Estabelece uma distinção entre 'virtuosos' mesmo dentro da própria Royal Society. Entre quem contribui de modo empenhado para o desenvolvimento do conhecimento, e quem se dedica a uma vertente mais colecionadora de curiosidades, perseguindo eventualmente um certo reconhecimento social, mas que Astell considera inconsequente para o avanço da sociedade.

## A peça *The Virtuoso*, de Thomas Shadwell

A imediatez de representação social que caracterizava o teatro inglês na época deixou-nos vários exemplos da representação dramática do conceito de 'virtuoso' nos dois estágios referidos por Mary Astell. Na peça *The Antiquary* (1635)<sup>7</sup>, de Shackerley Marmion, temos uma representação do 'virtuoso' na personagem Veterano, que se dedica ao colecionismo de raridades e antiguidades. É tipicamente um nobre abastado e uma personagem que se presta a ser enganada, adquirindo supostas antiguidades que são, na realidade, objetos sem qualquer valor. Entre as peças na sua coleção encontra-se, por exemplo, uma caixa de prata onde o imperador Nero guardava a barba. Embora partilhe com os filósofos naturais um interesse pelo colecionismo de curiosidades naturais, as semelhanças entre eles terminam aí<sup>8</sup>.

Cerca de quatro décadas mais tarde, em 1676, subia ao palco a representação de Thomas Shadwell de um 'virtuoso' que, pelas descrições das atividades a que se dedica essa personagem e pelas fontes utilizadas na criação da peça, está inequivocamente associada aos filósofos experimentais da recém-formada Royal Society. O reconhecimento da representação da

5 Idem, *ibidem*, p. 105.

6 Idem, *ibidem*, p. 105.

7 Representada pela primeira vez ca. 1635, publicada em 1641.

8 C. S. Duncan refere várias peças posteriores onde é possível reconhecer a personagem do antiquário, como Sir Matthew Mite, em *The Nabob* (1773) de Samuel Foote, e em *Modern Antiques* (1791) de John O'Keefe. Ver: DUNCAN, C. S., *The Scientist as a Comic Type*, *Modern Philology*, Vol. 14, No. 5 (1916), pp. 283-284.





ciência moderna e do cientista<sup>9</sup> em *The Virtuoso* é unânime. E essa presença dramática destaca-se pela centralidade que o cientista, Sir Nicholas Gimcrack, e a descrição das suas atividades e experiências têm na peça. Destaca-se também pelas numerosas referências que se encontram no texto a observações e experiências relatadas por elementos da Royal Society. A peça é, no entanto, uma sátira. Por isso, a seleção e o tratamento literário dado por Shadwell aos relatos científicos que reproduz na peça apontam para o ridículo. A Royal Society, no seu início, era constituída por um grupo de personalidades muito heterogêneo, e a percepção pública das suas atividades, como podemos avaliar pelas palavras de Mary Astell atrás reproduzidas, refletia essa variedade. Marjorie Hope Nicolson, especialista em literatura do séc. XVII, refere o seguinte, quanto à composição da Sociedade:

*Aqui se reuniram cerca de cem pessoas, algumas delas cientistas no sentido que hoje lhe damos, mas a maioria meramente amadores – aristocratas e cavalheiros de lazer, clérigos, homens de letras, entre os quais Cowley, Evelyn e Dryden. Estes eram os “Virtuosi”, como passaram a ser popularmente chamados e como por vezes se designavam a si próprios.*<sup>10</sup>

Poderíamos pensar que Shadwell, à semelhança de Mary Astell, faria a distinção, dentro da Sociedade, entre

9 O uso livre que é feito aqui do termo cientista é obviamente extemporâneo ao período da Restauração Inglesa, uma vez que surgiu (“scientist”) apenas em 1833 por William Wheller. No entanto, é utilizado, por simplicidade, como sinónimo, mais moderno, das expressões “filósofo natural” ou “filósofo experimental”.

10 NICOLSON, Marjorie, Introduction, in NICOLSON, Marjorie; RODES, David Stuart (Eds.), *The Virtuoso*. Lincoln: The University of Nebraska Press, 1966, p. XVII.

os verdadeiros investigadores da natureza e os meros amadores científicos, e que a forte sátira traçada em *The Virtuoso* se dirigiria a esses últimos. Mas, na realidade, uma importante parte das fontes científicas utilizadas pelo dramaturgo referem-se a experiências realizadas por Robert Boyle e Robert Hooke, dois dos mais importantes cientistas da época. Este último, que assistiu à peça, terá feito imediatamente essa associação, escrevendo no seu diário a esse propósito: “Cães malditos. *Vindica me Deus*. As pessoas quase apontaram”.<sup>11</sup>

A peça é uma comédia sentimental, que parece inicialmente desenrolar-se em torno da potencial união amorosa de dois pares de casais jovens. O ambiente sexual é bastante aceso, repleto de promiscuidade que envolve todas as personagens sem exceção. Há várias traições conjugais consumadas em palco, uma cena de aproximação amorosa entre dois homens, um deles travestido, e até a revelação, a certa altura, de que a personagem mais conservadora da peça, o tio do ‘virtuoso’, grande defensor dos bons costumes e crítico severo da lascívia da juventude, gostava de ser açoitado durante as relações sexuais. É neste ambiente de intriga sexual e grande déficit de virtude que encontramos a personalidade extravagante de Sir Nicholas Gimcrack, o ‘virtuoso’, embrenhado em experiências insólitas. A sátira a esta personagem ganha grande dimensão pela sucessão alargada de experiências científicas que são relatadas, onde o ridículo das situações é aumentado.

11 HOOKE, Robert, *The diary of Robert Hooke, M.A., M.D., F.R.S., 1672-1680, transcribed from the original in the possession of the Corporation of the city of London (Guildhall library)*, Ed. Henry W. Robinson and Walter Adams, London: Taylor & Francis, 1935, p. 235, disponível em: WWW<URL:http://quod.lib.umich.edu/g/genpub/AGG6204.0001.001>. [Consul. 19 nov. 2024].

A ciência encontra-se presente na peça através da personagem do filósofo experimental e das diferentes atividades e experiências a que este, supostamente, se dedica e vai descrevendo ao longo da peça. Há descrições relacionadas com observações usando o microscópio, experiências para determinar o peso e constituição do ar, experiências de transfusão de sangue, e várias outras. As fontes para o conteúdo científico foram publicações de membros da Royal Society e a própria revista científica da Sociedade, a *Philosophical Transactions*.

A intensa sátira de Shadwell parece apontar mais à Royal Society como um todo e não a algum indivíduo em particular, com Sir Nicholas Gimcrack e Sir Formal Triffle a incorporarem sucessivamente no seu discurso as palavras de diferentes colaboradores da Society. A opção de Shadwell parece ter recaído mais sobre os assuntos do que sobre as pessoas, através de uma seleção das investigações mais dramaticamente eficazes, tanto ao nível dos adereços utilizados (como o megafone), quanto do potencial satírico do discurso e também da atualidade social dos temas. Bruce e Longvil, nas suas cenas com Sir Gimcrack, servem dois propósitos essenciais à sátira ao cientista: são, por um lado, catalisadores do discurso do ‘virtuoso’, puxando os diferentes assuntos para que ele comente e aprofunde; por outro, vão acentuando negativamente as diferentes ideias e descrições daquele, sublinhando repetidamente o seu ridículo e risibilidade. Este último estratagema torna óbvia uma crítica ativa à Royal Society. Naturalmente, algumas das acusações apontadas na sátira a esta sociedade científica, como a da inutilidade do conhecimento produzido, serão injustas, como já na época era reconhecido. Uma causa para esta sátira generalista à Society

poderá ser a fronteira indefinida que existia entre o ‘virtuoso’ entusiasta colecionador das curiosidades *per se* e como modo de exposição social, e o ‘virtuoso’ que a investiga no sentido de daí retirar uma maior compreensão da natureza, também no sentido de poder, eventualmente, atuar sobre ela. Houghton estabelece uma dicotomia clara quando afirma que “o virtuoso termina no ponto exato em que o verdadeiro cientista realmente começa”<sup>12</sup>, mas esta separação não seria assim tão clara naquela época, nomeadamente na Royal Society, composta por centenas de membros com interesses muito heterogêneos.

Em *The Virtuoso*, a ciência e o cientista são centrais na peça. Embora o eterno tema dos relacionamentos amorosos a percorra do início ao fim, a intensidade com que é representado o cientista e, sobretudo, a atualidade social do seu empreendimento e a novidade da sua representação em palco, tornam-no o motor dramático da peça. Mesmo a resolução dos casos amorosos, no final, é realizada em função do cientista, no sentido do seu isolamento social. As numerosas referências a experiências e instrumentos científicos são utilizados pelo autor como meio de caracterizar satiricamente o cientista e as atividades a que se dedica, aproveitando o ridículo intrínseco de algumas quando colocadas em palco, e ampliando dramaticamente, em muitos casos, as consequências das experiências que lhe servem de ponto de partida.

12 HOUGHTON JR., Walter E., *The English Virtuoso in the Seventeenth Century: part II*, p. 194.





### Sobre a Marionet

Somos uma companhia de teatro orientada para a promoção e disseminação das culturas artística e científica, através de atividades de cruzamento entre as artes performativas e as ciências. No nosso trabalho de investigação, criação e comunicação temos como parceiros regulares teatros e centros de investigação científica, e colaboramos em diversos projetos de investigação. O que nos move é o questionamento e a reflexão sobre o mundo, apoiados neste cruzamento disciplinar.

### Fazemos:

Espectáculos criados a partir de temas da História da Ciência, usualmente relacionados com cientistas envolvidas/os na resolução de questões relevantes para a humanidade; Espectáculos que abordam temas, ideias e conceitos científicos, explorando os desafios que colocam às linguagens artísticas; Residências artísticas e espetáculos em espaços onde se trabalha em ciência ou se exhibe trabalho científico; Criações colaborativas com cientistas, desenvolvendo espetáculos originais relacionados com os seus contextos científicos; Criações vídeo sobre temas objeto de investigação científica; Publicações e encontros científicos reunindo artistas e cientistas dedicadas/os a este cruzamento disciplinar; Formação, pesquisa, criação e divulgação, no âmbito de projetos de investigação científica.

Temos um centro de documentação especializado em cruzamentos entre as artes performativas e as ciências, com atividades regulares de partilha de dramaturgias neste contexto interdisciplinar, bem como uma biblioteca temática única no país, dedicada a temas científico-teatrais e aberta à comunidade.

### Os públicos da Marionet

Durante o ano de 2024 estamos a desenvolver a iniciativa “Os Públicos da Marionet”, com a qual pretendemos conhecer melhor as pessoas que se juntam às nossas criações e atividades, de modo a avaliar o impacto do trabalho que desenvolvemos.

A sua participação é de grande importância para nós e irá ajudar-nos a melhorar o nosso trabalho.

Após o espetáculo, quando tiver oportunidade, pode aceder ao questionário através do seguinte Código QR.

Desde já, agradecemos a sua disponibilidade!



### Ficha artística e técnica

Discussão e Ideias **Carolina Caseiro\***, **Carolina Costa Andrade**, **Eduarda Ortiz\***, **Filipe Eusébio**, **Francisca Moreira**, **Hugo Inácio**, **Inês Dias**, **Laetitia Morais**, **Marcelo dos Reis**, **Maria Teixeira\***, **Mário Montenegro**, **Pedro Andrade**, **Ricardo Jerónimo**, **Silvia Carballo**, **Sílvia Santos**, **Simão Lopes**, **Teosson Chau**, **Thiago Vaz**, **Tiago Sousa\***, **Vicente Paredes**, **Vitória Oliveira\***, **Zé Ribeiro**

Texto **Thomas Shadwell**

Encenação, Tradução e Adaptação **Mário Montenegro**

Interpretação **Carolina Caseiro\*** (empregada da casa), **Carolina Costa Andrade** (Miranda e Flirt), **Eduarda Ortiz\*** (criada de Bruce e prof. de natação), **Inês Dias** (Clarinda e Figgup), **Filipe Eusébio** (Sir Formal Triffle), **Hugo Inácio** (Snarl e Hazard), **Maria Teixeira\*** (Betty), **Mário Montenegro** (Sir Nicholas Gimcrack), **Sílvia Santos** (Lady Gimcrack), **Teosson Chau** (Longvil), **Tiago Sousa\*** (porteiro e mordomo), **Vitória Oliveira\*** (criada de Lady Gimcrack e de Miranda), **Zé Ribeiro** (Bruce)

Direção Técnica e Iluminação **Simão Lopes**

Cenografia e Imagem **Pedro Andrade**

Figurinos **Cláudia Ribeiro**

Vídeo **Laetitia Morais**

Direção Coreográfica **Thiago Vaz**  
**Portingaloise – Associação Cultural e Artística**

Música e Sonoplastia **Marcelo dos Reis**

Apoio Gráfico **Joana Corker**

Penteados **Carlos Gago – Ilídio Design Cabeleireiros**

Interpretação LGP **Jéssica Ferreira, Joana Sousa**

Direção de Produção **Francisca Moreira**

Produção Executiva **Carolina Costa Andrade, Silvia Carballo, Vicente Paredes**

Comunicação **Carolina Costa Andrade, Ricardo Jerónimo, Maria Neves\*\***

Vídeo e Fotografias Promocionais **Tiago Cerveira**

Fotografia **Francisca Moreira**

Registo de Vídeo **João Cunha**

\* Estagiários e estagiárias do Curso Profissional de Intérprete/Ator/Atriz do Colégio São Teotónio

\*\* Estagiária do Mestrado de Tradução na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

### Agradecimentos

Ana Val-do-Rio, Hugo Andrade, Margarida Dias da Silva, Pedro Maranhã, Sónia Cardoso, Susana Marques, Escola Secundária Infanta D. Maria II

Coprodução:



Apoios:

